

O Processo de Inferência no Ensino/ Aprendizagem da Língua Estrangeira

Célia Maria de Macêdo
Universidade Federal do Pará

I- INTRODUÇÃO

O comportamento linguístico tem sido amplamente estudado em várias áreas do conhecimento, e, de modo geral, foi considerado de extrema complexidade, devido ser composto de elementos nem sempre perceptíveis aos olhos do pesquisador que procura respostas sobre o processo de cognição do qual resulta a produção/apreensão de sentidos. Esse processo torna-se complexo por apoiar-se em elementos que não somente os linguísticos; o código é apenas um meio utilizado pelos interactantes para alcançarem seus objetivos comunicativos. Entre o código utilizado pelo falante e a mensagem apreendida pelo ouvinte existe um caminho, percorrido por ambos, com algumas variações decorrentes de diferenças individuais e às vezes sociais, que permite com que haja reconhecimento da intenção comunicativa. Precisamos saber de que forma o falante expressa sua intenção comunicativa e como o ouvinte apreende essa intenção, que "...na grande maioria das vezes, não se traduz tão-somente através da informação meramente linguística dos enunciados (sintaxe, léxico e semântica). Os participantes de uma interação verbal, não raramente significam muito mais do que literalmente dizem e, em alguns casos, do que sequer foi de fato dito" (MACÊDO e TOSCANO: 1994)

A lacuna que fica, entre o dito e o pretendido em uma interação verbal, não é preenchida por mais elementos linguísticos e sim por inferências que os interactantes fazem a partir do que foi explicitado através das representações semânticas das sentenças, tanto a nível de produção quanto a nível de compreensão de significados.

Cabe-nos aqui fazer algumas perguntas que podem nos orientar na busca de um melhor entendimento do processo de cognição na interpretação de enunciados. Como pode o locutor, enquanto tal, expressar aquilo que deseja, de forma implícita, e ser compreendido pelo ouvinte? De que estratégias o locutor faz uso, no ato da comunicação, para que o ouvinte entenda o que foi pretendido? E o ouvinte, por sua vez, como pode ter certeza de que apreendeu a mensagem que o locutor teve a intenção de comunicar? O que assegura, às partes envolvidas em uma conversação, o sucesso da comunicação? Como se dá o processo de inferência? Como é o caminho percorrido pelos participantes de uma interação verbal? Que atalhos uma ou outra parte toma, ao longo do percurso, para atingir seus objetivos, e que estratégias são usadas para evitar que os atalhos signifiquem andarem os participantes em direção contrária, perdidos?

Neste trabalho, tentaremos responder a essas perguntas percorrendo algumas das principais teorias que visam esclarecer como ocorre o processo de inferência na mente humana. Primeiramente, veremos a contribuição da teoria de GRICE (1975) para o entendimento do referido processo e como ela precisa ser expandida. Em seguida, a partir da teoria de Grice, veremos como SPERBER & WILSON (1986) vêm colaborar para o entendimento do processo de inferência com o seu Princípio da Pertinência e sua noção de contexto. Então, tentaremos fazer algumas considerações, a partir das duas teorias abordadas, sobre o mesmo processo no aprendizado de uma língua estrangeira.

II- A TEORIA DE GRICE

Vários estudiosos têm se preocupado com a questão do explícito/ implícito na comunicação humana, dentre os quais vale destacar Grice, segundo o qual as interações são guiadas por esforços cooperativos, ou seja, os participantes reconhecem que existe um mesmo propósito ou propósitos, tais como comunicar suas crenças, valores, desejos, e tentam colaborar para que os objetivos sejam alcançados. Grice desenvolve esse Princípio da Cooperação estabelecendo regras

convencionais, as quais ele chama de máximas, que regem o comportamento linguístico do falante, e que, quando violadas de maneira aparente ou ostensiva, geram as implicaturas convencionais. Essas máximas orientam o ouvinte na escolha que deve ser feita quando ele se depara, por exemplo, com enunciados ambíguos, e servem também para dar diretrizes sobre que implicação deve ser escolhida a partir do conteúdo explicitante expresso de um enunciado. Para Grice, então, o Princípio da Cooperação e as máximas servem de parâmetro para os interactantes definirem o implícito de um enunciado.

As lacunas deixadas pela teoria de Grice dizem respeito à máxima de pertinência, que ele sugere que deve ser aprofundada em trabalho posterior, e aos propósitos aos quais elas se destinam, que ele mesmo considera que deveriam ser mais abrangentes de modo a incorporarem outros propósitos que não somente os informativos. Devido a esses outros propósitos, mais complexos por natureza, o Princípio da Cooperação e as máximas tornam-se insuficientes para explicar o papel da inferência na comunicação humana.

Consideramos que o estudo do implícito baseado na teoria de Grice só pode ser feito em um nível um pouco superficial, visto explicar o implícito “quase-implícito” da comunicação¹. Pela sua teoria, o ouvinte faz uso de regras lógicas para alcançar o significado pretendido pelo locutor. Acreditamos, porém, que certas mensagens transmitidas implicitamente, requerem muito mais dos interactantes do que o uso dessas regras.

Acreditamos também ser a pertinência um conceito muito relativo visto depender do contexto de comunicação para poder ser avaliado, não podendo, desse modo, ser tratado dentro dos mesmos parâmetros das outras máximas.

III- A TEORIA DE SPERBER & WILSON

É justamente a noção de pertinência que Sperber & Wilson alargam de modo a completar a lacuna deixada pela teoria de Grice. Segundo eles, a interpretação de qualquer enunciado é realizada através de um esforço cognitivo que só tem razão de ser se estiver associado

a uma garantia de pertinência, e, se possível, de pertinência máxima. Esses autores afirmam a possibilidade de se eliminar algumas das máximas e de se reduzir as demais em somente uma que se resume no Princípio da Pertinência, que, por si só, é suficiente para gerar as consequências interpretativas de todas as máximas Griceanas. Diferentemente das máximas, esse princípio não é uma questão de obediência ou não a regras; faz parte do comportamento comunicativo do homem. Conforme REBOUL (1986), "Le principe de pertinence utilise la notion de pertinence comme un postulat, automatiquement fait par l'interlocuteur, que le locuteur cherche à produire l'énoncé le plus pertinent possible dans les circonstances." Podemos acrescentar que o ouvinte, por sua vez, só processa as informações que sejam pertinentes e que por isso valem a pena ser processadas.

A noção de pertinência é uma noção comparativa de efeito e esforço, inversamente proporcional, haja vista que é medida pelo maior efeito que um enunciado causa nas circunstâncias em que é produzido com o menor esforço despendido por parte do ouvinte para apreender o significado. Em assim sendo, quanto maior o efeito ocasionado com o menor esforço despendido, tanto maior é a pertinência. Esse é um aspecto fundamental para a compreensão do processo de inferência que faz parte da comunicação humana, pois, em um evento comunicativo, pressupõe-se que os interactantes visem a maior pertinência possível.

Outro elemento central da teoria de Sperber & Wilson e que também vem colaborar para a elucidação do processo de inferência é a noção de contexto, que leva em consideração informações que vão mais além do que as informações contidas nos enunciados ditos anteriormente, ou no ambiente físico imediato. Diferentemente do conceito usado por outras abordagens pragmáticas, esses autores consideram o contexto uma noção variável, ou seja, seus elementos se modificam conforme a situação e os interactantes, constituindo-se de um conjunto de premissas e presunções em relação ao mundo, sem as quais as implicaturas não podem ser inferidas, que o ouvinte traz para o jogo verbal e que são usadas para a interpretação dos enunciados.

Eles alegam, também, que cabe à teoria pragmática descrever como o ouvinte seleciona um contexto que lhe permite entender o enunciado adequadamente.

Consideramos que deveria aqui ser acrescentado o papel do locutor na seleção do contexto de enunciação, com as presunções que ele também traz para a interação e que também se fazem presentes na mensagem que quer comunicar. A responsabilidade de ambos os participantes de uma interação verbal é essencial, pois uma falta de sintonia entre o contexto pretendido pelo locutor e o contexto selecionado pelo ouvinte pode gerar um mal-entendido ou quebra na comunicação. É a partir do conceito de pertinência que Sperber & Wilson desenvolvem uma teoria que procura dar explicações sobre o processo de cognição na comunicação humana.

IV- O PROCESSO DE INFERÊNCIA NO ENSINO/ APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA

Na grande maioria das interações verbais, os interactantes precisam fazer inferências para chegar ao que foi apenas implicitado. Como o locutor nem sempre diz o que quer comunicar explicitamente, fica para o ouvinte a tarefa de preencher a lacuna com base em informações frequentemente não expressas e com presunções suas que dificilmente são as mesmas do locutor. Portanto, o sucesso de uma comunicação depende das inferências que o ouvinte faz a respeito do enunciado e não somente do reconhecimento do seu significado lingüístico.

Vemos, no entanto, que, na maioria das vezes, a capacidade de fazer inferências que o aluno de língua estrangeira já desenvolveu na língua materna, e, que pode, portanto, contribuir para o ensino-aprendizagem da segunda língua, é raramente aproveitada em benefício do desenvolvimento de uma competência comunicativa em sua plenitude. Muitas das vezes, os processos de codificação e decodificação na língua estrangeira não bastam para que o significado que o locutor quer transmitir seja apreendido pelo ouvinte. É, geralmente, difícil para o falante de uma língua estrangeira fazer inferências, mesmo quando já

é linguisticamente competente nessa segunda língua. Sendo assim, a "...capacidade de inferir significados... precisa ser desenvolvida no aprendiz da língua estrangeira; caso contrário, corremos o risco de criar falantes ingênuos, aqueles que se atêm tão-somente ao sentido literal dos enunciados lingüísticos, ou seja, que entendem o que de fato foi dito." (MACÊDO & TOSCANO: 1994).

Um dos problemas do ensino-aprendizagem da língua estrangeira reside justamente no processo de inferência, em decidir que elementos lingüísticos e extra-lingüísticos entram em jogo aquando da produção e interpretação de um enunciado; de que elementos os interactantes lançam mão para entenderem seus interlocutores e se fazem entendidos quando o significado pretendido vai além do explícito.

Achamos que falta vestir o aprendizado formal da língua estrangeira com esta outra roupagem que possibilite ao aprendiz o desenvolvimento de uma competência comunicativa (HYMES: 1971) mais abrangente. Para isso, aos quatro componentes da competência comunicativa desenvolvidos no framework de CANALE (1983) acrescentaríamos um quinto componente que se constituiria da competência inferencial.

Pelas teorias acima expostas, podemos tecer algumas considerações acerca do processo de inferência na língua estrangeira que podem servir de ponto de partida para a listagem de alguns princípios norteadores do desenvolvimento da competência inferencial no alunado.

1- O explícito

O primeiro ponto, que cremos merecer reflexões por parte dos envolvidos no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e que contribui para o processo de inferência, é o explícito. Precisamos partir dos sinais fornecidos pelo locutor, ao nível do dito, para alcançarmos o que ele quer significar. Na realidade, as marcas lingüísticas trazem evidências e servem de ponto de partida para a interpretação dos enunciados, orientando e delimitando suas possibilidades interpretativas. Como exemplos dessas marcas evidenciadoras do pensamento do locutor, temos os conectores, as

referências, os tempos verbais, dentre outros elementos sintáticos, que precisam ser melhor explorados na aula de língua estrangeira, visando uma melhor compreensão, por parte do aluno, do seu funcionamento na estrutura da língua e do papel que eles desempenham na interpretação de mensagens implícitas.

Além dos elementos sintáticos, tem também papel fundamental no processo de inferência, a informação explícita, que dá evidências sobre o pensamento do locutor. A partir dessa informação, o ouvinte percebe a intenção comunicativa do locutor e toma o mesmo caminho. O modo como o professor precisa lidar com essas informações será tratado mais adiante nesse trabalho.

O sucesso da comunicação, na maioria das vezes, não depende somente da correta escolha do caminho pelo ouvinte com base nas marcas lingüísticas e na informação explícita. Há atalhos tomados pelo locutor, ao longo do percurso, que o ouvinte precisa saber seguir para atingir a meta da comunicação, isto é, a compreensão da mensagem. Para entendermos como esses atalhos são escolhidos, precisamos ir mais a fundo no processo, deixando o nível do puramente explícito e passando para o nível do implícito.

2- O implícito

A importância da teoria de Grice é inegável para o entendimento do processo de inferência e seus mecanismos. O Princípio da Cooperação, as máximas e as implicaturas convencionais são subsídios de extremo valor para os envolvidos com o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras e que se preocupam em munir os aprendizes com ferramentas básicas, de modo a serem, de fato, competentes na segunda língua.

A partir da teoria de Grice, os alunos podem ser orientados a perceber a violação, aparente ou ostensiva, de uma máxima, e dessa violação buscar a interpretação de mensagens escondidas, isto é, as implicaturas geradas pela violação. Portanto, precisam ser criadas atividades que promovam a competência do aluno de inferir significados na língua estrangeira, a exemplo do que faz na língua materna, tendo por princípio a presunção de cooperação e as máximas que regem a

conversação.

3- O princípio da pertinência e a noção de contexto

Pelo Princípio da Pertinência, vimos que, ao fazer inferência, a partir de um enunciado, o ouvinte tem sempre em mente essa noção que o orienta em suas interpretações. Em assim sendo, as partes de uma interação compartilham da premissa de que é a busca da pertinência que guia uma conversação: o locutor transmite mensagens as mais pertinentes possíveis e o ouvinte sai em busca dessa mensagem.

O ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira não deve fugir a essa regra fundamental do comportamento linguístico do falante de qualquer língua. Portanto, ele deve ser baseado no Princípio da Pertinência para que sua relevância não seja questionada. Professores e alunos de uma língua estrangeira precisam ter sempre em mente esse princípio básico de uma interação verbal. Sendo assim, suas produções, por exemplo, precisam ser autênticas para serem pertinentes e não somente um meio de praticar formas linguísticas. A partir dessas produções autênticas, que se constituem de pensamentos e crenças do locutor, o ouvinte poderá fazer reais inferências a respeito da informação e/ou sobre o locutor, a exemplo do que ocorre em uma conversação do dia-a-dia na língua materna. O que é comunicado e como essa comunicação é feita merece, então, um papel de destaque no processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira e sobre isso trataremos a seguir.

A combinação que o locutor faz das informações das quais dispõe é um modo de lhe assegurar a pertinência de uma mensagem. O nível de relevância máxima é alcançado quando as informações usadas como premissas em uma interação são combinadas de maneira a exigirem um esforço mínimo do ouvinte para serem processadas, com o maior efeito possível. Para tal, a informação nova deve vir acompanhada de informação velha para que outra informação nova seja gerada. As informações velhas constituem-se do cosmo que os falantes de uma língua compartilham, com suas crenças, seus valores, seus conhecimentos de um modo em geral.

Os alunos de língua estrangeira devem ser orientados quanto ao

uso das informações que possuem. A combinação de informações novas e velhas é de fundamental importância para o ensino-aprendizagem da língua estrangeira porque o segundo tipo de informação representa, para o ouvinte, um ponto de referência ao qual ele se atem para atender a informação nova e inferir outra, diminuindo assim o seu esforço. Essa combinação de informações velhas e novas é também importante por ter um efeito multiplicador, por gerar novas premissas, acrescentar algo ao contexto e modificar o ambiente cognitivo do ouvinte, sendo, portanto, pertinente para o processo de inferência no ensino-aprendizagem da língua estrangeira.

Notamos que, geralmente, as interações verbais das quais os alunos participam em sala de aula são elaboradas com o objetivo de promover a prática de itens gramaticais. Quando há necessidade de se fazer inferências, somente o ambiente físico imediato e os enunciados ditos anteriormente, na mesma situação de comunicação, são suficientes para se chegar à mensagem. Acreditamos que as atividades das quais os alunos devem participar deveriam conter elementos que não fossem tão facilmente perceptíveis, levando-os a realmente inferir a mensagem transmitida.

Outro aspecto da aula de língua estrangeira que talvez precise ser mudado é o fato dos alunos parecerem ser indivíduos destituídos de desejos, de valores, de um conhecimento de mundo prévio, enfim, de um passado que contribua, de algum modo, para uma transformação do comportamento do outro. Aachamos, portanto, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira precisa considerar o aluno e suas premissas como o ponto de partida na elaboração de qualquer atividade na língua estrangeira. Se o aluno puder agir na língua, no sentido de atuar como uma pessoa que realmente é, transformadora do mundo, o sucesso será muito mais certo.

V- CONCLUSÃO

Acreditamos que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira precisa tratar o processo comunicativo como um processo mutável, cujas transformações são ocasionadas devido a seus

participantes serem pessoas que também estão sempre se modificando e, conseqüentemente, modificando o mundo que as rodeia. Sendo assim, as atividades que se destinam a tornar o falante da língua estrangeira verdadeiramente competente precisam ser abertas, de modo a possibilitar os interactantes de fazerem escolhas, tomarem decisões, durante o caminho percorrido, a exemplo do que acontece em interações verbais autênticas.

Vimos, no presente trabalho, que para as tomadas de decisão ocorrerem, os falantes de qualquer língua fazem inferências a partir de vários elementos que têm a sua disposição. Os pesquisadores e professores de língua estrangeira são os encarregados de permitir que os aprendizes tenham acesso a esses elementos. Eles podem mostrar-lhes como transmitir e interpretar mensagens implícitas e como tornar pertinentes as informações que desejam passar a outros, de modo a garantir o sucesso da comunicação da qual fazem parte.

Esperamos que este trabalho venha contribuir, de algum modo, para o ensino-aprendizagem da língua estrangeira, mostrando, talvez, a necessidade de se repensar o papel do aluno no processo, como ser atuante que é, e que está no mundo para modificá-lo; o papel do professor, como aquele que pode possibilitar as modificações; e, finalmente, o papel do ato comunicativo em si, o meio pelo qual as modificações se processam.

NOTAS

1-Grice procura explicar o implícito ao nível do que é dito, tomando por base o Princípio da Cooperação e as máximas. As mensagens implícitas dos exemplos apresentados por ele podem ser inferidas através do próprio enunciado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANALE, M. From communicative competence to communicative language pedagogy. In RICHARDS, J. & SCHIMDT, R. (eds). *Language and communication*. London: Longman, 1983.
- GRICE, H.P. Logic and conversation. In COLE, P. & MORGAN, J. (eds). *Syntax and Semantics: Speech acts*. New York: Academic Press, 1975.
- MACÊDO, C. & TOSCANO, M.E. *As interações verbais no ensino-aprendizagem da língua estrangeira*. Trabalho apresentado no I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística, Salvador, 1994.
- REBOUL, Anne. L'interprétation des énoncés de fiction. *Cahiers de Linguistique Française*, 7, 27-41, 1986.
- SPERBER, D. & WILSON, D. Relevance: *Communication and cognition*. Oxford: Basil Bl, 1986.
- _____. Façons de parler. *Cahier de Linguistique Française*, 7, 9-26, 1986.